

## PENSANDO AS PRÁTICAS SIMBÓLICAS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS

### THINKING ABOUT THE SYMBOLIC PRACTICES OF FEMINIST MOVEMENTS

*Cleidiane da Silva Cruz<sup>1</sup>*

#### Resumo

O interesse em pesquisar sobre o tema proposto surgiu do desejo de compreender um pouco acerca de como a história das mulheres está sendo construída ao longo do tempo. Este estudo tem como objetivo geral analisar as interfaces mulher e movimentos feministas. Como objetivos específicos busca-se descrever a rotina da mulher contemporânea; uma breve descrição sobre as práticas dos feminismos. A metodologia é de caráter qualitativo e cunho exploratório; Baseou-se fundamentalmente nas preposições teóricas de Pinto (2010); Freud (2011); Foucault (1967). Os resultados indicam que as relações de poder são presentificadas no contexto social contemporâneo pondo as mulheres feministas ou não em um embate constante contra práticas violentas de dominação. Os resultados apontam também como os movimentos feministas contribuem para a concretização de práticas sociais que favorecem o desenvolvimento das mulheres em cada época. A conclusão do estudo sugere a Arte e as práticas simbólicas dos feminismos como representatividade das mulheres na sociedade em qualquer contexto ou época.

**Palavras chaves:** Psicologia. Mulheres. Feminismo. Psicanálise. Arte.

#### Abstract

The interest in researching the proposed theme arose from the desire to understand a little about how the history of women is being built over time. This study aims to analyze the interface between women and feminist movements. As specific objectives, it seeks to describe the routine of contemporary women; a brief description of the practices of feminisms. The methodology has a qualitative character and an exploratory nature; It was based primarily on the theoretical prepositions of Pinto (2010); Freud (2011); Foucault (1967). The results indicate that power relations are present in the contemporary social context, placing feminist women or not in a constant struggle against violent domination practices. The results also point out how feminist movements contribute to the realization of social practices that favor the development of women in each era. The conclusion of the study suggests the Art and symbolic practices of feminisms as representing women in society in any context or time.

---

<sup>1</sup> Graduada pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Psicóloga 11/15856. Professora de idiomas. Psicanalista em formação. e-mail: cleidianecruzpsi@gmail.com

**Keywords:** Psychology. Women. Feminism. Psychoanalysis. Art.

A história dos movimentos feministas é entender que as mulheres são grandes heroínas da humanidade, pois mesmo enfrentando todas as situações de preconceito e desrespeito, elas continuam se reconstruindo em todas as civilizações, renovando suas ideias e criando espaços igualitários e humanos por meio de atitudes que representam seus desejos de estarem em espaços mais justos. Um exemplo disso são os movimentos criados por essas mulheres para lutarem em busca de direitos iguais, como os movimentos feministas.

O feminismo vem traçando uma das histórias mais excepcionais de todos os tempos através dos direitos conquistados no decorrer de gerações, as ideias desses movimentos sempre estão sendo aprimoradas, cultivadas e implantadas. Criando assim, possibilidades e inspirando outros movimento, ajudando esses serem mais visíveis e fortes. Os feminismos não cessam, resistem todas as formas de dominação ou de relação de poder. Segue escapando, como um barco que percorre todos os contextos históricos sem se prender as amarras de dominações presentificadas nas relações sociais de uma época.

As feministas não aparecem na história negando-a, mas construindo e renovando ideias, deixando para outras gerações um legado histórico único, reformado através da sapiência de suas ações. O feminismo não se trata apenas de um movimento de mulheres, mais do que isso se refere a práticas humanas que tem como objetivo o compromisso com a verdade, ações caracterizadas pela parresia feminina de pessoas que querem se livrar das correntes de seu tempo. Com isso, as feministas recriam outros espaços nos contextos atuais. Foucault diz:

O navio é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por ele mesmo, que é sobre si fechado e ao mesmo tempo entregue ao infinito do mar e que, de porto em porto, de costado em costado, de bordel em bordel, vai até as colônias buscar o que elas têm de mais precioso em seus jardins. (FOUCAULT, 2001, p. 422).

A partir de 1970 o dinamismo desses movimentos renasce através das lutas contra a ditadura militar, que não era uma luta apenas de mulheres, mas de todos, pois a partir disso passa a ser erguida uma bandeira plural por todos que se identificam excluídos e oprimidos na sociedade.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas. É através desses movimentos que as mulheres fortalecem sua posição como sujeito. Na tentativa de se dissociarem do que está implantado no

mundo, do ser apenas através do outro, o que traz uma valorização ou complementação de si; pode, ao mesmo tempo, afastar qualquer sujeito de ser em si mesmo. Há sempre um engodo na jornada de construção de um novo traço, ou uma nova maneira de pensar.

Nesse sentido, as práticas feministas são sempre faltosas, pois esses movimentos estão em constante processo de identificação. O reconhecimento dos traços adquiridos por esses movimentos é original, ou seja, de certa forma são desprendidos das práticas hegemônicas de uma época. Portanto, em cada contexto as narrativas feministas apresentam um novo reordenamento. Ou melhor, as feministas resistem.

As práticas de apego por ideias emancipatórias existem de fato, contudo se no processo de análise do eu é indispensável que o sujeito atravesse seu percurso analítico sem sair do mesmo. Nos movimentos feministas isso é proposto como um traço quase que imperceptível a quem se diz pertencente a essa causa. Ou seja, existe uma ambivalência identitária, assim como as causas que levam as feministas atuarem podem estar ligadas a um possível conhecimento histórico, por outro lado os seus atos são reformulados através das situações vividas no presente. Portanto, a linguagem aparece bordando suas ações reconstruídas metaforicamente. Céli Regina diz:

As mulheres começam a falar a partir de sua própria condição de mulher, condição esta que é constituída a partir do reconhecimento da opressão, do reconhecimento da história pessoal e coletiva de interesses e lutas próprias. (PINTO, 2010, p.15)

A intolerância contra a mulher cresce ainda mais nos últimos tempos. Hoje a mulher não é apenas agredida por dizer não ao que lhe é pedido, mas simplesmente por ser mulher, assumir uma conduta política ou se posicionar socialmente. Os crimes cometidos contra as mulheres estão em todos os espaços, desde um comentário desrespeitoso nas redes sociais até a uma estigmatização da mulher por apresentar uma conduta mais ativista. Muitas vezes as feministas são rotuladas bruscamente de bandidas, malucas ou bruxas, são desrespeitadas, até mesmo, em suas características físicas. Basta, por exemplo, ela dizer que se percebe na fala feminista para passar a ser cruelmente rotulada.

Como sujeito de um determinado tempo temos que falar contra qualquer prática de violência, identificando as formas de poder que essas estão envolvidas. Se faz necessário uma compreensão sobre as vontades dos sujeitos quererem objetificar a ambiguidade de todas as relações humanas. Essas questões que fomentam uma reflexão acerca de contextos históricos onde existem uma violência massiva contra a representação feminina.

Um dos grandes impasses dos feminismos na atualidade também refere-se a esses fatos implícitos nas relações que estabelecemos uns com os outros. Até que ponto estamos também seguindo fielmente as diretrizes do nosso tempo? Podemos pensar essa pergunta fazendo uma comparação do Feminismo com o modelo Neoliberal de viver, em cada tempo uma ideia nos é posta ou colocada como estilo de vida, com o objetivo de normatizar comportamentos, essas “propostas” nos são mostradas como algo que é oferecido, sem que haja uma obrigação em aderir, porém, acaba por se tornar uma lei que se cristaliza rapidamente de forma imperceptível em uma sociedade. Löwy (1999, p. 170) destaca: o Neoliberalismo tem como característica central a sacralização do mercado, ou seja, a lógica mercantil está sendo aceita como uma lei da natureza, como um dado inquestionável.

Nessa filosofia de vida constituída através desse conceito econômico, O sujeito passa assumir uma postura de empresário de si, “autônomo” e independente, responsável por tudo que acontece em sua vida, principalmente por sua conduta financeira, se a gestão de seu patrimônio for boa ele deve ser considerado um cidadão de bem e exemplar, senão poderá ficar à margem da sociedade. No mesmo contexto neoliberal, as mulheres teriam que assumir muitas competências como: estarem lindas, serem brilhantes em seus cargos, estarem atualizadas com todas as informações sobre o mercado competitivo de trabalho, serem mães, donas de casa, cozinheiras, ter outro negócio além do trabalho, estudar a noite, ajudar os filhos nas tarefas escolares, estarem sempre presentes em todos os eventos sociais, fazendo uso da maquiagem recém lançada e do vestido que teve mais curtidas naquele Instagram da digital influencer que tem 4M de seguidores. Além disso, não se pode esquecer que antes de dormir é preciso lavar as louças e colocar o garrafão de água no bebedouro. E, infelizmente, atentar para os riscos de sofrer algum tipo de violência. pois nesse contexto em que a economia parece ditar as formas de viver de forma subliminar, muitas vezes é dito que as mulheres são violentadas por não estarem atentas ao que estão sofrendo. Ou seja, não é permitido ser vítima ou sofrer por ter escolhido estar em determinada situação, mesmo quando não se conhece os motivos que podem levar a essas escolhas.

Portanto, será que esse estilo de vida proposto pelo neoliberalismo diz respeito às mesmas ideias dos movimentos feministas que sobreviveram e cresceram contra todos os tipos de práticas de dominação? A mulher precisa assumir todas essas responsabilidades para ser respeitada? Será que essas ideias ajudam de alguma forma na diminuição da violência contra a mulher?

Brown indaga:

O cidadão-modelo neoliberal é aquele que constrói estratégias para ele mesmo entre as diversas opções sociais, políticas e econômicas, não aquele que se empenha com outros para alterar ou organizar essas opções. Uma cidadania neoliberal plenamente realizada seria o oposto da preocupação com o público; de fato, ela nem existiria como público. O corpo político deixa de ser um corpo, mas é, ao contrário, um conjunto de empreendedores e consumidores individuais. (2005, p. 43)

O neoliberalismo afeta diretamente o discurso feminista, pois as ideias feministas estão sendo capturadas pelo o sistema econômico vigente, muitas mulheres que se afirmam feministas podem se perder nesse discurso. O que pode ser muito arriscado, pois gera consequências graves, inclusive danos subjetivos. Existem dúvidas sobre a representação do feminismo em relação ao neoliberalismo na atualidade.

No entanto, é necessário entender que os movimentos feministas em hipótese alguma protagonizam uma relação de poder pregada pelo neoliberalismo. Ou seja. As atitudes humanitárias e igualitárias concretizadas pelas feministas não põem as pessoas em ampla concorrência, onde seus atos são controlados por um mercado capitalista, muitas vezes, excludente e intolerante, isso não cabe nas ideias defendidas por esses movimentos que vem se constituindo justamente contra qualquer forma de desigualdade.

Organiza-se em si mesmo, entendendo suas próprias lógicas, representando e criando espaços que oportunizem, não apenas uma inclusão social, mas também uma transformação na história que tentam nos pré-determinar. Se já se torna difícil carregar a própria história nas costas, imagina levantar os pesos dominantes que nos colocam.

Apesar de grandes perdas, nossa sociedade, atualmente, já pode nos apresentar ganhos significativos, estamos mais livres para sermos críticos dos nossos próprios modos de vida, até mesmo para criar, projetar estilos mais democráticos. Há inúmeras possibilidades, não vistas antes em outras gerações. Alternativas essas, conquistadas também por movimentos como os feminismos que provocam não apenas diversidade de acessos, mas alude o sujeito a se reconhecer como livre, sendo também mais crítico de sua própria realidade, inventado também lugares onde os outros possam ter a mesma liberdade. Em *Mal Estar na civilização* Freud diz que:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de esse equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (FREUD, 2011, p.41)

Mas será que as feministas que reconhecem a verdadeira causa dos feminismos podem tropeçar em estarem buscando uma perfeição nos resultados de suas lutas? será que haverá essa perfeição? Ou será que o que justamente vem fortalecendo essas práticas, mantendo e expandindo essas ideias até hoje seja justamente o fato desse movimento se reconhecer limitado, estando sempre aberto a novas possibilidades?

Hoje o feminismo no Brasil ocorre através da Arte, principalmente em áreas onde as pessoas convivem diretamente com situações de violência ou de desigualdade. Como um grito, meninas mostram através de músicas, poesia, artes visuais, escritos, pinturas no corpo suas insatisfações com as agressões que presenciam, conseguindo expressar de forma lúdica, tanto no sertão como nas áreas urbanas suas dores, perdas causadas pela violência. É muito difícil carregar o peso de se sentir desrespeitada, quão doloroso é narrar a cena da violência sofrida por alguém, que muitas vezes, era aquela pessoa em quem se depositava toda confiança.

Mesmo depois de muitos anos tentando mostrar a importância do respeito, os movimentos feministas ainda sofrem represálias e grandes riscos, o que também existiu em outras épocas em que houve contextos desesperançosos. Contudo, o feminismo segue sua trajetória com conquistas imensuráveis deixando plantado no jardim de cada contexto social a ideia de que para vivermos em uma sociedade justa é preciso respeito, tolerância, o amor e principalmente o reconhecimento que suas causas são identificadas como uma construção identificatória, ou seja nunca é completa ou total.

### Referências

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Psicologia das Massas e análise do eu / Sigmund Freud**; Revisão técnica e prefácio de Edson Sousa; Ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa, — Porto Alegre, RS:L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **O mal-estar na civilização / Sigmund Freud**; tradução Paulo César de Souza. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

BROWN, Wendy. 2005. **Edgework**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

LÖWY, Michael. **Estado, democracia e alternative socialista na era neoliberal. Diálogo coordenado por Pablo Gentili, Luis Fernandes e Emilio Taddei.** In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs.). Pós-neoliberalismo II: que estado para que democracia?. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PINTO, Celia Regina Jardim **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODE.** REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA V. 18, N° 36: 15-23 JUN. 2010